

Uma vida que se consome em oblação eucarística

Mesmo se a vida sacerdotal não se esgota na celebração da Eucaristia, a relação da existência sacerdotal com o sacramento do altar é, no entanto, constitutiva do seu ministério, de tal modo que sem esta referência à Eucaristia a existência sacerdotal enquanto tal torna-se incompreensível. Ao evocar, neste espaço, a memória do Padre Manuel Isidro Alves, que tive o privilégio de conhecer de perto e de trabalhar com ele, primeiro como Secretário da Faculdade de Teologia, e depois nos Congressos de Fátima, faço-o dedicando-lhe esta meditação, que é mais uma variação sobre ensaios anteriores, sobre o mistério da Eucaristia, como Memorial sacramental da Morte do Senhor. É na vivência da espiritualidade que irradia deste mistério que se colhe a essência da Igreja, a essência da espiritualidade cristã e a essência, também, do ministério sacerdotal que, à maneira do Coração de Cristo, há-de ser também corpo entregue e sangue derramado. E nesta meditação ocorreu-me deixar-me também conduzir por versos de S. Tomás, num dos mais belos textos eucarísticos que a literatura cristã possui. São apenas evocações, convite ao silêncio e à adoração do Mistério, que o P. Manuel Isidro Alves, que serviu com tanta dedicação a Igreja e a Universidade Católica, esperamos esteja já na plena comunhão dos santos, face a face, a contemplar.

Adoro te devote, latens deitas

A Eucaristia constitui a instância última na qual a Igreja evoca e celebra a sua identidade, como 'comunhão dos santos' na vivência

da santidade, como corpo de Cristo, como sacramento de salvação a irradiar o mistério da vida a ser comunicado ao homem e ao mundo. Na Eucaristia a Igreja celebra, de um modo excelente, o mistério da presença de Jesus Cristo na história, sendo aí que se dá a conjugação perfeita dos diversos modos e dos diversos graus da presença real do Senhor, como muito oportunamente ensina o Concílio ¹.

Jesus Cristo está presente na Eucaristia na sua condição de Senhor glorificado. Pela ressurreição, o Senhor é introduzido na dimensão do divino, pela qual, mesmo na sua corporeidade, transcende os limites do espaço e do tempo, porque é um corpo *pneumático*, plenamente espiritual, isto é, totalmente envolvido e mergulhado no mistério de Deus (cf. 1Cor 15,44-45) ². Neste sentido, o Senhor glorioso está presente não só na Eucaristia, mas também em todo o universo ³.

Mas a Eucaristia celebra também uma forma de presença que decorre da promessa que o Senhor fez aos seus discípulos, de estar no meio deles, sempre que dois ou três se reunissem em seu Nome: «Pois onde estiverem reunidos, em meu nome, dois ou três, eu estou no meio deles» (Mt 18,20). Por isso é que a Eucaristia se celebra desde sempre em Nome do Senhor Jesus ou em Nome da Santíssima Trindade, e assim, na celebração da Eucaristia, a Igreja aparece como a comunidade congregada no Nome da Trindade ⁴.

Como comunidade congregada no nome de Cristo ou no nome da Santíssima Trindade, a Igreja é o corpo de Cristo (cf 1Cor.6, 12-20; 10,17; 12,12-27; Rom 12,4-5; Ef 5,23), que é o modo como S. Paulo prefere designar o ser mais profundo da Igreja, na sua relação constitutiva e de origem com o Senhor.

Ao designar a Igreja como corpo de Cristo, S. Paulo evoca a relação do homem com o mundo através do corpo que aí está como sua mediação, pois é o corpo que manifesta a pessoa enquanto tal.

¹ C. SC 7) e o magistério pontifício Cf. PAULO VI, Carta encíclica *Mysterium fidei* (03.09.1965), in *Enchiridion Vaticanum 2* (Bologna 1979) 421-432.

² Sobre o sentido cristológico do Corpo glorioso do Ressuscitado, cf. W. KASPER, *Jesus der Christus* (Mainz 1984) 176-181.

³ Sobre a teologia da presença eucarística, veja-se: M. GESTEIRA GARZA, *La Eucaristia, Misterio de Comunion* (Madrid 1983) 147-194.

⁴ «Um povo unido pela unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo»: S. CIPRIANO, *De orati. Dom. 23*: PL 4,553. Cf. LG 4.

A sua dimensão espiritual e interiormente inefável, que constitui em última instância o mistério da pessoa enquanto tal, o homem manifesta-a através da sua corporeidade, que medeia a relação do homem com o cosmos, com os outros e com Deus. O corpo é a possibilidade da relação com o universo envolvente e com o qual o homem se não identifica, em virtude da sua dimensão espiritual e transcendente: «não tenhas medo, coração aflito! Bate serenamente como se o infinito fosse a tua medida permanente»⁵.

O corpo é evocação de um encontro que nele não se esgota nem encontra o seu termo. Ele é mediação de uma comunhão que o transcende! O corpo representa a possibilidade da presença e do encontro; nele cruzam-se as dimensões da temporalidade e da mundanidade, mas, como apelo de transcendência, o corpo é o símbolo de uma realidade outra, na forma de uma distância que se aproxima, e de uma proximidade que se recolhe, que se oculta e se disfarça, como possibilidade de uma relação comunicativa de um ser que é mais que isso que se apresenta, e é por isso que o corpo é oferta e acolhimento de uma presença misteriosa e inefavelmente sublime!...

Quando S. Paulo diz que a Igreja é o corpo de Cristo, ele está a sugerir que ela é o modo, o meio e o lugar onde Cristo se encontra, o que, aliás, decorre da sua vivência no momento da sua conversão às portas de Damasco: «Saulo, Saulo, porque me persegues?» (Act 9, 4). Escreve Paulo VI: «Ele está presente na sua Igreja peregrina e que anela chegar ao porto da vida eterna, já que Ele habita nos nossos corações pela fé e difunde neles a caridade por meio do Espírito Santo que Ele nos dá»⁶.

Jesus Cristo glorioso encontra-se presente na história, na comunidade e através dela. Na Ascensão, o Senhor retirou-se da presença física e visível, junto dos Apóstolos, mas enviou o seu Espírito que anima a Igreja, como comunidade dos vivos, que vivem da força do Espírito da vida, e é essa comunidade que manifesta a presença do Senhor glorioso na história. É esta densidade de sentido teológico e sacramental, que está expressa na noção paulina do Corpo de Cristo⁷, tendo sido assumida pelo Concílio Vaticano II

⁵ M. TORGA, *Câmara Ardente* (Coimbra 1983 2.^a ed.) 80.

⁶ PAULO VI, *Mysterium fidei*, in EV/2,422.

⁷ Sobre este tema, veja-se a obra clássica de E. MERSCH, *La Théologie du Corps Mystique* 2 Vol. (Paris 1949).

e pela teologia contemporânea como uma das linguagens mais densas de sentido para indicar o mistério da Igreja. O Filho de Deus «comunicando o seu Espírito, fez misteriosamente de todos os seus irmãos, chamados de entre todos os povos, como que o seu corpo. É nesse corpo que a vida de Cristo se difunde nos que crêem, unidos de modo misterioso e real, por meio dos sacramentos, a Cristo padecente e glorioso» (LG 7).

Mas não se esgota aqui a densidade cristológica do mistério da presença eucarística. É que no pão e no vinho o Senhor torna-se presente corporalmente. No pão e no vinho (misturado com água), que a Igreja oferece para serem consagrados, tocados pela força do Espírito Santo que consagra os dons, o Senhor torna-se presente *substantialiter*, sob as espécies do pão e do vinho, como corpo entregue e como sangue derramado.

Estas formas de presença do Senhor ressuscitado na Igreja conferem à celebração eucarística todo o seu alcance teológico e existencial. Numa linguagem mística e poética de extraordinária densidade, S. Paulo refere-se também à Igreja como a esposa e Jesus Cristo como esposo (cf Ef. 5,22-33), e então a Eucaristia aparece como a antecipação sacramental das núpcias eternas do Cordeiro.

O segredo da santidade está na intensidade de se viver a Eucaristia. Os santos testemunham-nos esta espiritualidade eucarística, geradora da fecundidade apostólica e missionária, porque a santidade consiste na relação com o Senhor glorioso, que não se distanciou do tempo nem abandonou a Igreja, mas inventou, com a capacidade criadora do divino amor, esta forma tão simples de estar no meio de nós e de se fazer nosso companheiro de viagem.

Tudo isto são razões suficientes para reafirmar hoje a importância da celebração eucarística na vida dos cristãos, pois o que está em causa é a sua identidade. A Igreja será tanto mais ela própria, quanto mais intensamente viver e celebrar as dimensões profundas da sua fé, que no sacramento da Eucaristia se concentram. Efectivamente, como ensina Paulo VI, a densidade de fé e o modo de ver o mundo e a vida, de encarar as realidades sociais, económicas, políticas, éticas e outras, depende muito da vivência do mistério da Eucaristia, pois o culto eucarístico leva a cultivar o «amor social», pelo qual o homem antepõe o bem comum ao seu bem privado, faz suas as causas da comunidade humana e de toda a Igreja, alargando o dinamismo da caridade aonde quer que

seja que se encontre um membro, mesmo anónimo, do corpo de Cristo⁸. Ser cristão no mundo de hoje tem a ver, portanto, com a vida que se pratica, que na Eucaristia descobrimos ser mistério de escuta, de acolhimento, de pura gratuidade e dom. A vida não é algo que se possui, é um mistério que se acolhe. E aqui está o segredo da identidade cristã.

O memoriale mortis Domini

A Escritura é a evocação, em variações infinitas, deste tema da grande sinfonia da aliança: da primeira à última página da Escritura, o que se lê é a insistência profética para que o Povo se não esqueça de quem é: «Gravai, pois, as minhas palavras no vosso coração e no vosso pensamento; atai-as aos vossos braços como um símbolo, e trazei-as como um frontal entre os vossos olhos. Ensinai-as aos vossos filhos, repetindo-as sem cessar quando estiverdes em casa ou de viagem, ao deitar e ao levantar. Escreve-as nos pilares da tua casa e nas tuas portas. Então, a durabilidade dos vossos dias e a dos vossos filhos, no solo que o Senhor jurou dar a vossos pais, será igual à durabilidade do céu que está por cima da terra» (Dt 11,18-21). E o Sábado é o grande sinal, o 'sacramento' desta Aliança de Deus que santifica o seu povo: «Guardai o meu sábado, porque é um sinal perpétuo entre mim e vós, em todas as vossas gerações, para que se saiba que Eu sou, o Senhor, quem vos santifica... Entre mim e os filhos de Israel é um sinal eterno» (Ex 31, 13.18). O novo Povo de Deus, a Igreja, celebrando o Dia do Senhor, o Domingo, evoca esta memória, em radical fidelidade, recordando permanentemente a sua própria origem.

A Escritura é um convite dirigido a toda a humanidade a recordar a sua origem criacional. Isto é, a sua origem última, a sua origem no ser, a sua própria sustentação no tempo, e a sua prossecução no espaço, tem a sua origem em Deus. E este é o sentido de memória que já está presente nos próprios relatos da criação, que recordam a todo o homem que ele é a resposta à Palavra criadora, que ele é, por conseguinte, palavra incarnada, cujo eco é audível no silêncio do seu próprio ser. Nessa instância última, que pode

⁸ Cf. *Mysterium fidei*, in EV/2,439.

dizer-se consciência, alma ou espírito, que constitui a pessoa enquanto tal, está impresso um sinal evocativo da transcendência do homem, expresso no desejo de vida, de felicidade, de infinitude, na nostalgia e saudade pelo totalmente Outro, memória que se não pode apagar, que lança o homem na aventura do inquietante questionar por um sentido de plenitude que ele não pode dar a si mesmo, mas simplesmente acolher! Esta é a memória de Deus impressa no ser, que o homem não pode esquecer nem silenciar, sob pena de se perder, de não saber mais quem é!... Não será este esquecimento o drama da cultura contemporânea, que é no fundo, uma crise de memória, porque o homem, fixado narcisisticamente em si mesmo, perdeu o sentido da sua transcendência?

Mas a Escritura evoca uma segunda solicitude divina, dirigida não directamente a toda a humanidade, mas à vocação profética do Povo de Deus, que tem origem em Abraão, o homem escolhido, retirado da sua terra e enviado para uma outra que Deus havia de dar: parte da tua terra e vai para outra que eu te vou indicar (cf. Gen 12,1). E Abraão partiu, confiado unicamente na Palavra de Deus... A história do povo bíblico é a narração deste deixar-se conduzir pela Palavra, na surpresa da liberdade, em demanda de uma terra onde nunca se há-de entrar!... A aventura da fé é a memória do passado como hermenêutica do futuro, de uma realidade que está sempre adiante, num horizonte de deserto, porque a terra é um espaço aberto de possibilidades infinitas, que passam necessariamente pelo desenraizamento das enganosas seguranças das civilizações. O crente, que radica o seu ser na fidelidade à Palavra, que ecoou como Nome na noite da libertação das seduções escravizantes das civilizações dos egíptos da história, é o eterno caminheiro, sedento de um sempre mais, inquieto e questionante de um sentido que ele acolhe na proximidade do mistério que se revela no silêncio purificador do fogo no deserto da existência enquanto tal. Povo de Deus, por Ele liberto e purificado, porque a sua visão e repouso n' Ele só será possível pela reconversão do olhar à luminosidade que cega, pela purificação do coração no fogo que consome e destrói! Foi isso que aconteceu naquela noite da Páscoa, noite de todas as noites, que perpassa na história como a memória da radical purificação libertadora, porque só assim o Povo é radicalmente de Deus.

Jesus Cristo é a revelação da fidelidade divina à palavra da promessa. N' Ele Deus oferece o repouso da liberdade encontrada,

no encontro acolhedor daquele que é a liberdade, porque é a verdade e a vida, que irradia como Espírito. Espírito da liberdade e do amor, que transcende as sempre recorrentes humanas ilusões de quem se prende ao aparente e precário, porque não tem coragem de arriscar o atirar-se no mistério abissal do ser e do crer. Ele é o Messias de Deus, sobre o qual repousa a plenitude do seu Espírito de Vida e de Santidade, que se revela num tipo outro de messianidade, que passa pelo abandono obediente do amor crucificado, do dar-se e derramar-se, não como perda, mas como doação vivificante e regeneradora do sentido do viver. N' Ele se aprende que a vida só se ganha se se perde; que a vida não é para se reter, mas para acolher e para dar: «Eu não vim para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate por muitos» (Mc 10,45). O Verbo de Deus revela ao homem que a vida é dom, é expansibilidade comunicativa de si, é Eucaristia celebrada na noite da entrega, na agonia da morte, na paixão crucificada e transfigurada em Páscoa de Ressurreição e Espírito Santo do Pentecostes. Aqui está o sentido profético e escatológico da última Ceia de Jesus, como testamento para a Igreja, comunidade eucarística, que vive do memorial sacramental do Amor crucificado: «Eu recebi do Senhor o que também eu vos transmiti. Que o Senhor Jesus, na noite em que foi entregue, tomou o pão, e depois de dar graças, partiu-o e disse: isto é o meu corpo que será entregue por vós. Fazei isto em minha memória. Do mesmo modo, depois de cear, tomou o cálice e disse: este cálice é a nova aliança no meu sangue. Todas as vezes que o beberdes fazei-o em memória de mim» (1Cor 11,23-25).

Jesus celebrou a Páscoa com os seus discípulos, como momento culminante da profética entrega de si, não só àqueles que Ele amou até ao fim – «levou até ao extremo o amor por eles» (Jo 13,1) –, mas também como gesto profético da comunicação divina a toda a humanidade, representada na antiga Aliança, cuja história fora a progressiva e pedagógica preparação, como evoca Santo Ireneu: «O Verbo de Deus habitou entre os homens e fez-se Filho do homem para acostumar o homem a compreender a Deus e Deus a habitar no homem, de acordo com o beneplácito do Pai»⁹.

A última Ceia de Jesus com os discípulos na noite da traição é o acontecimento mais impressionante da história da humanidade,

⁹ *Adv. Haereses* 3,20,2-3: SC 34,342-344. Veja-se *Liturgia das Horas* I,299.

porque é o único caso em que alguém, em suprema liberdade, interpreta simbolicamente o sentido da sua vida e da sua morte. O homem pressente a morte como uma irrecusável ameaça, como o termo inexorável da vontade de viver, esta sede insaciável, esta «nostalgia» do regresso à pátria da liberdade¹⁰, esta inefável saudade do infinito. Jesus Cristo é o único caso da história que em suprema liberdade interpreta o sentido da sua vida e da sua morte, durante a última Ceia que celebra com os discípulos antes de padecer. Por si só, aqui está um acontecimento que faz pensar, cuja densidade só se desvela a quem a ele aceda em contemplativo e adorante silêncio. Numa atmosfera de traição e de violência mortal, o Senhor celebra com os discípulos o memorial pascal da liberdade, e indica-lhes aquela noite como a derradeira, porque no meio dela ecoa a palavra do amor e do perdão. Esta fora a palavra da primeira noite da criação; fora-o também da segunda noite da libertação; é-o da terceira, a noite de todas as noites, a noite da entrega do Servo, como Cordeiro imolado, a noite da Ressurreição, que é garantia da última noite, a quarta e definitiva noite do escatológico repouso do homem em Deus.

Jesus Cristo reúne-se com os seus discípulos na noite da ceia pascal, para celebrar a memória da presença de Deus no meio do Povo e para celebrar a memória do Povo para com Deus, porque aquela é a hora, a noite da fidelidade, a noite do sim de Deus à humanidade, na pessoa do Servo de Deus que se entrega para a redenção do pecado do mundo. Ele é a realização escatológica das promessas de Deus, que introduz a humanidade na verdadeira terra da promessa, porque esta terra da promessa pela qual o homem anseia, não é outra senão Deus mesmo, aquele repouso para o qual toda a criação estava orientada e para o qual havia sido chamada ao ser. O repouso de Deus é afinal o repouso de toda a criação em Deus. Este é o mistério do sétimo dia, o Sabath. A terra da promessa não é outra realidade senão o próprio mistério de Deus, e só quando Deus se comunica plenamente, numa relação pessoal sem outra mediação que não seja a do seu Filho, o Verbo Incarnado, é que a humanidade encontra o seu repouso; é desse dia que todas as cria-

¹⁰ Sobre o sentido filosófico-cultural do tema da nostalgia na consciência ocidental e suas possíveis relações com a «saudade», veja-se C. BECKERT, *Ulisses e a Odisseia da Consciência Ocidental*, in J. CERQUEIRA GONÇALVES (Coordenação), *Pensar a Cultura Portuguesa* (Lisboa 1993) 25-37.

turas sofrem a saudosa inquietação, as dores do parto, para que também elas participem na libertação dos filhos de Deus (cf. Rom 8,22-23). É esta a aliança, é este o encontro, no corpo entregue e no sangue derramado do Redentor. Os discípulos viverão na recordação deste acto de entrega, como expressão da suprema liberdade no amor, em fidelidade à palavra do seu Senhor, que se lhes dera como Testamento: Fazei-o em memória de mim! (cf. 1Cor 11,25).

Na última Ceia, Jesus Cristo revela aos discípulos que a sua morte será o momento supremo da liberdade, o momento supremo do amor e por isso mesmo é que é redentora. A morte de Jesus Cristo é redentora, porque não é a perda da vida, mas sim a doação da sua vida até ao fim: Isto é o meu corpo entregue, isto é o meu sangue derramado. E por isso a Eucaristia, que radica na última Ceia, é a celebração memorial deste acontecimento, a recordar que a origem da Igreja, como comunidade alargada dos discípulos, brota, como nova criação, do mistério de Jesus Cristo, como Corpo entregue e Sangue derramado. É este o mistério que o discípulo amado contempla ao olhar para aquele que trespassaram (cf Jo 19,31-37), e que a exegese patrística comentou como o momento escatológico da realização da nova criação, porque o Senhor adormecido na árvore da cruz é o novo Adão, do qual brota, do seu interior, do seu coração, a Igreja e os sacramentos, como rios de água viva que correm para o oceano infinito do Mistério: «Do Lado saiu sangue e água. Não quero, estimado ouvinte, que passes inadvertidamente por tão grande mistério. Falta-me ainda explicar-te outro significado místico. Disse que esta água e este sangue simbolizavam o Baptismo e a Eucaristia. Foi destes sacramentos que nasceu a Igreja, pelo banho de regeneração e pela renovação do Espírito Santo, isto é, pelo sacramento do Baptismo e pela Eucaristia que brotaram do Lado de Cristo. Foi do Lado de Cristo, por conseguinte, que se formou a Igreja, como foi do lado de Adão que Eva foi formada... Pois assim como Deus, do lado de Adão formou a mulher, assim Cristo, do seu Lado, nos deu a água e o sangue para formar a Igreja. E assim como Deus abriu o lado de Adão enquanto ele dormia, assim Cristo nos deu a água e o sangue durante o sono da sua morte»¹¹.

¹¹ S. JOÃO CRISÓSTOMO, *Cat.* 3,13-19: SC 59,174-177. Cf. LITURGIA DAS HORAS II,435.

A Igreja celebra a Eucaristia no Dia do Senhor, porque ela recebeu o Espírito que a conduz para a Verdade libertadora, que faz com que ela não possa nunca esquecer, que a sua origem é um grande amor, o apaixonado e crucificado divino amor.

Jesu, quem velatum nunc aspicio

Os primeiros cristãos chamavam a Eucaristia a «fracção do pão»(Act.2,42), porque é o memorial do gesto de Jesus na última Ceia, quando Ele partiu o pão e os distribuiu aos apóstolos para que todos dele comessem, e foi nessa «fracção do pão» que os discípulos reconheceram a presença do Ressuscitado, sendo que os relatos neo-testamentários das aparições, que a ela se referem, como em Emaús (cf Lc 24,13-35), têm um claro sentido eucarístico, pois a Eucaristia da Igreja é o acto de partir do pão, no qual os discípulos de todos os tempos reconhecem a presença do seu Senhor.

Os primeiros cristãos eram assíduos à «fracção do pão», e nesta assiduidade proclamavam a morte do Senhor, na feliz expectativa da sua vinda. A Eucaristia é assim a celebração do grande amor que está na origem da Igreja. Quando hoje a Igreja celebra a Eucaristia, ela coloca-se em continuidade história e em comunhão com todos os do passado, celebrando com eles as grandes noites da história da salvação!

No anúncio memorial da noite da criação, a Igreja proclama que a origem de toda a realidade, que a origem da humanidade se perde na noite, no silêncio criador de Deus. Celebra a segunda noite, a da libertação do povo de Israel do Egipto, lançando-o para o deserto, para a aventura da liberdade. A peregrinação pelo deserto simboliza a própria vida, o deserto da vida e o deserto da história, como horizonte do encontro com Deus, um encontro libertador, porque questionante e purificador das falsas seguranças e das inautênticas experiências da liberdade.

A Eucaristia é a celebração memorial da suprema noite de Páscoa, na qual a Igreja surge como nova criação, como mistério do Corpo de Cristo. Porque foi nessa noite, na noite em que o Senhor morreu e ressuscitou, que a nova humanidade foi criada, brotando do coração mesmo de Deus, que é o mistério do próprio Espírito. E a quarta noite é a noite da esperança, para além do tempo e do espaço, quando havemos de celebrar eternamente as núpcias do Cordeiro imolado.

E aqui está sugerido o alcance cultural e civilizacional da Igreja como memorial eucarístico da presença do Senhor na história. A Eucaristia é o centro da Igreja, porque, como memorial, ela celebra o mistério da presença de Cristo como sua cabeça. Então, se hoje se fala numa crise de identidade na Igreja, na cultura e na civilização ocidental, isso não terá a ver com a perda da memória eucarística como sua raiz? Mesmo no sentido da compreensão da Pessoa como acolhimento em gratuidade amorosa e em dom, como liberdade, como inefável espiritualidade, que a moderna secularização, se levada ao extremo do secularismo ateu, corre o risco de silenciar? A grandeza espiritual do ocidente está aqui e na actualidade corre o risco de se esquecer, perdendo a memória de si. Pois a raiz da humanidade é Deus; a raiz da Igreja é Jesus Cristo. Na Eucaristia celebramos o memorial da recriação do homem e da história em Jesus Cristo. É um memorial sacramental, isto é, o acontecimento que se celebra, torna-se, pela força do Espírito, realidade viva e presente.

Na celebração dos sacramentos, sobretudo na celebração eucarística, dá-se uma vivência em profundidade, intraduzível em palavras, da fecundidade, da irradiação da vida do Espírito, que se manifesta em solidariedade, em partilha, na alegria do Povo de Deus. Aí está a transfiguração do pão, que é símbolo do trabalho do homem, assumido e transfigurado pela força do Espírito, em corpo de Jesus Cristo, no memorial sacramental da sua presença. Por isso, a própria Eucaristia ilumina o sentido das realidades terrestres, mesmo na sua profanidade, o sentido do trabalho, e é por isso que a Eucaristia é o acontecimento por excelência definidor do que a Igreja é. Segundo H. de Lubac, verifica-se uma causalidade recíproca entre a Igreja e a Eucaristia, pois se é verdade que a Igreja celebra a Eucaristia, é igualmente verdade que é a Eucaristia que faz a Igreja ¹².

As grandes tarefas que se colocam à evangelização contemporânea passam por esta memória, por esta redescoberta da identidade cultural, da humanidade na sua condição criatural, chamada a viver na dignidade dos filhos de Deus, dignidade infelizmente hoje em dia tão atropelada, tão pouco reconhecida. O trabalho do

¹² Cf. H. DE LUBAC, *Méditation sur l'Église* (Paris 31968) 101.

homem há-de evoluir para as dimensões mais profundas do ser, e essas são as dimensões do espírito, porque o sentido do progresso e do desenvolvimento não pode ser degradado ao nível de satisfação de necessidades primárias.

O autêntico progresso é aquele que transcende os domínios da simples natureza e se eleva para o horizonte da sabedoria e da santidade. O homem não pode reduzir-se ao resultado da evolução das espécies. O homem é qualitativamente distinto a respeito da natureza, e manifesta essa distinção pelo seu pensamento, sobretudo o poético-filosófico, como pressentimento da sua origem, daquela impossível de silenciar saudade de Infinito.

Na adoração eucarística o homem transcende infinitamente a natureza, porque, no acto de contemplar o mistério do Amor Crucificado, ele reconhece que é puro dom e pura graça, acolhimento e oferta de um mistério que transcende toda a capacidade de o dizer. Neste acolhimento cheio de silenciosa gratuidade, o homem descobre-se também como imagem do criador, como capacidade não de criar algo de novo, mas de empreender uma hermenêutica memorial da história, como eucarística potencialidade de sempre novos sentidos e razões de viver e de esperar. O progresso autêntico que corresponde à dignidade do homem é aquele que se orienta na perspectiva do espírito, da sabedoria e da santidade. Sem dúvida que a Igreja celebra a memória do tesouro precioso nos vasos da sua fragilidade em que os transporta. Mas no Espírito Santo, ela encontra a serena confiança e humilde ousadia de estar no caminho da verdade, como experiência de comunhão e de companhia, na presença do seu Senhor.

Ser cristão é viver da surpresa da presença do Senhor ressuscitado, no meio dos seus discípulos, ao partir do Pão! Então o seu Coração eucarístico torna-se o coração do mundo, e a comunidade eucarística, razão da esperança do advento de um mundo novo!...

JOSÉ JACINTO FERREIRA DE FARIAS